

## DIÁLOGOS FILOSÓFICOS EM *O TEMPO E O VENTO*, DE ERICO VERISSIMO

### PHILOSOPHICAL DIALOGUES IN *O TEMPO E O VENTO*, BY ERICO VERISSIMO

Márcio Miranda Alves\*

**Resumo:** A representação da História no romance *O tempo e o vento* inclui três das mais importantes correntes filosóficas assimiladas pelos intelectuais no final do século XIX e início do XX. Nos diálogos entre os personagens Rodrigo Cambará, Rubim Veloso e Jairo Bittencourt encontramos referências ao positivismo de Augusto Comte, ao evolucionismo social de Spencer e ao super-homem de Nietzsche. Esses diálogos falam sobre um período crucial da história cultural e política brasileira e ajudam a caracterizar a postura ideológica dos personagens.

**Palavras-chave:** Erico Verissimo; Positivismo; Evolucionismo Social.

**Abstract:** The representation of the History in the novel *O tempo e o vento* has three of the most important philosophical movements that were assimilated by intellectuals in the late nineteenth and early twentieth century. In the dialogues among the characters Rodrigo Cambará, Rubim Veloso and Jairo Bittencourt we find references to Augusto Comte's positivism, Spencer's social evolutionism and Nietzsche's superman. These dialogues talks about a crucial period of cultural and political Brazilian History and help to characterize the ideological position of the characters.

**Keywords:** Erico Verissimo; Positivism; Social Evolutionism.

Em seu projeto de narrar a formação da sociedade gaúcha na trilogia *O tempo e o vento*, Erico Verissimo procurou abranger diferentes aspectos do desenvolvimento social e cultural, a vida cotidiana, os fatos históricos e os pensamentos ideológicos de cada período representado, como já demonstrou Bordini (1995). Portanto, não são aleatórias nem ocasionais as referências a nomes, datas e eventos encontradas em *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*. O mesmo vale para as discussões em torno de teorias filosóficas, em particular as ideias de Augusto Comte, Herbert Spencer e Friedrich Nietzsche. Em geral, a exposição de preceitos da filosofia ocidental remete a momentos específicos da história brasileira, sempre atrelada a contextos políticos, e, além disso, auxilia o narrador na caracterização de temperamento dos personagens.

---

\* Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [mirandaalvesm@gmail.com](mailto:mirandaalvesm@gmail.com)

Na representação de dois séculos de história, interessa-me particularmente o período que vai das duas últimas décadas do século XIX até o final da terceira década do século XX, explorado na ficção nos episódios de *O continente* e *O retrato*. Inicialmente, o desejo de renovação no regime monárquico e o inconformismo com a falta de uma solução definitiva para a questão dos escravos favorecem a adoção de doutrinas ideológicas europeias por parte dos principais grupos partidários. As mais expressivas, sem dúvida, são o positivismo de Comte e o evolucionismo social de Spencer.

Segundo Bosi (1992, p. 237), havia entre estas duas correntes uma diferença de modos de pensar a relação entre sociedade civil e Estado. O positivismo ortodoxo “sustentava o projeto de um Estado centralizante, racionalizador e, no limite, tutelar” e seus defensores queriam “um presidente forte, um cérebro ativo na chefia do Estado”. O evolucionismo do tipo spenceriano, por sua vez, “pendia para o liberalismo clássico e acreditava na sabedoria da seleção natural que, mediante processos de concorrência, premiaria os mais capazes” e os evolucionistas faziam “o elogio do parlamentarismo burguês com suas reformas espontâneas, lentas e graduais”. Ambos, porém, defendiam um regime político que substituísse o antigo império oligárquico e escravista por um governo mais representativo e progressista.

No Rio Grande do Sul, os republicanos liderados por Júlio de Castilhos queriam um Estado funcionando nos moldes definidos pela filosofia de Comte. Em síntese, os gaúchos estavam de acordo com os dogmas que defendiam a transição pacífica para a república (“solução positiva da evolução”), descentralização administrativa, liberdade de ensino, comércio e indústria e imposto direto (BOEIRA, 1980, p. 39). Estas e outras ideias influenciam o conteúdo da carta magna aprovada pela Assembleia em 1891.<sup>1</sup>

Na narrativa de *O tempo e o vento* os ideais do positivismo começam a ser desenhados no episódio “Ismália Caré”, situado temporalmente em 1884, em *O continente*, momento em que Júlio de Castilhos inicia a divulgação de suas ideias no recém-fundado jornal *A Federação* (o Partido Republicano Rio-grandense havia sido fundado dois anos antes). As ações intelectuais do quadro político estão concentradas nos personagens Toríbio Rezende, advogado baiano, e Licurgo Cambará, estancieiro

---

1 Boeira (1980, p. 35) lembra que num primeiro momento o positivismo “somente teve impacto sobre parcela restrita da elite rio-grandense” e que “se ele chegou a ter expressão política, cultural e religiosa foi porque essa elite concentrava grande poder político e seus membros constituíam a maioria absoluta entre os rio-grandenses dotados de cultura e educação formal”.

gaúcho. Juntos, eles fundam na fictícia Santa Fé o Clube Republicano e a folha semanal *O Democrata*, instrumento de combate ao liberal *O Arauto*, da família Amaral.

Na representação dos acontecimentos históricos da época Erico Verissimo não explora conceitos e teses do positivismo, preferindo abordar as questões práticas relacionadas à escravidão e à crise monárquica. O escritor privilegia mais o “como” das ações que levam à libertação dos escravos no universo de Santa Fé e menos o “por quê”. Se por um lado os discursos de Júlio de Castilhos e dos republicanos da ficção repetem chavões nacionais que falam da abolição como uma causa moral e humanista, em benefício da Pátria, por outro a atitude de alguns personagens e a presença das escravas domésticas revelam as contradições do problema. De uma forma sutil e irônica, o escritor procura evitar uma representação simplista dos acontecimentos, optando pela relativização das acepções ideológicas.

Somente em *O retrato*, no episódio “Chantecler”, situado em 1909 e 1910, é que o escritor esmiúça com mais detalhes a filosofia positivista a partir de sua recepção em Santa Fé. É como se, também no plano da ficção, fosse necessário aguardar os rumos dos acontecimentos para melhor poder avaliar os resultados da aplicação de certas teorias na esfera pública. Nesta época, o Rio Grande do Sul vive relativa estabilidade política após a Revolução Federalista (1893-1895) e o legado de Júlio de Castilhos transforma-se numa “tradição” doutrinária, a qual aos poucos substitui o positivismo comtista por uma versão castilhista de modelo governamental. O Brasil, por outro lado, onde o positivismo desaparece como força política, atravessa um período crucial da Primeira República.

A campanha presidencial disputada por Rui Barbosa e Hermes da Fonseca representa a primeira grande fissura na política do café-com-leite, colocando Minas Gerais e São Paulo em lados opostos. Minas, Pernambuco e Rio Grande do Sul ficam ao lado do candidato militar e São Paulo e Bahia apoiam o civilista. As eleições presidenciais de 1910 são apontadas como as primeiras em que houve uma “campanha eleitoral” com a participação de diversos segmentos da sociedade civil e com o envolvimento de boa parte da população no debate político.

Em Santa Fé, a família Cambará aparece neste momento na oposição ao partido republicano. O protagonista Rodrigo Cambará retorna de Porto Alegre formado em medicina e cheio de planos humanitários. Influenciado pelos autores franceses com os quais teve contato na Capital, Rodrigo discursa sobre conceitos de igualdade e

fraternidade e abre um consultório para atender gratuitamente os menos favorecidos. Empolgado com a campanha civilista, o personagem funda o jornal *A Farpa* para enfrentar a folha *A Voz da Serra*, de orientação republicana e protegida pelo intendente local. No cenário de confronto criado pelos ataques pessoais via jornal, surge a figura do militar positivista Jairo Bittencourt, frequentador do Sobrado, casarão da família Cambará.

O coronel Bittencourt mostra-se profundo conhecedor da filosofia positivista e procura convencer os demais sobre a superioridade desta sobre as outras correntes de pensamento da época. É na fala deste personagem que Erico Verissimo introduz na narrativa alguns dos preceitos defendidos por Comte. Como neste trecho, durante uma conversa com Rodrigo Cambará no baile de *réveillon*.

[...]

– Porque – continuou ele – a História para nós positivistas não é essa coisa inexpressiva de três dimensões que se ensina nas escolas. [...] – Augusto Comte acrescentou à História a dimensão que lhe faltava.

[...]

– A propósito, qual é o filósofo de sua predileção?

– Spencer – mentiu Rodrigo com tão grande convicção, que por um momento ele próprio chegou a acreditar no que dizia. Havia lido por alto os “Primeiros Princípios”, achando a obra insuportavelmente indigesta. Alcides Maya, que pontificava no mundo das letras de Porto Alegre, lançara entre seus discípulos e admiradores o nome de Spencer, que era agora o “filósofo da moda”, lido, comentado e discutido nos jornais e nas tertúlias literárias.

O coronel começou a mover a cabeça dum lado pra outro, franzindo os lábios com o ar de quem está indeciso quanto a um julgamento.

– Bom... Spencer não está muito longe de Comte. Pelo contrário, muito perto até. Mas, meu caro amigo, por que não ir logo às fontes, por que não procurar logo o Papa (se me permite a comparação) em vez de ficar às voltas com bispos, arcebispos e cardeais?

Lançou para a esposa um olhar de ternura. Depois disse:

– O doutor naturalmente já ouviu falar na lei dos três estados...

– Como não! – respondeu Rodrigo. E felicitou-se por ter boa memória. – O estado teológico, o metafísico e o positivo.

Encarou o coronel e pensou: se ele me pede que eu defina esses três estados, estou frito. (VERISSIMO, 1956a, p. 243).

O trecho serve como uma espécie de introdução ao tema filosófico que vai se ampliar a seguir. A primeira atitude do militar é questionar o ensino da História nas escolas. Em seguida, e aparentemente sem a intenção de criar uma situação embaraçosa para Rodrigo, o positivista pergunta qual o filósofo predileto do jovem médico. O protagonista afirma ter lido Spencer, mas o narrador trata de desmascarar a leitura superficial daquele.

Essa é uma situação repetitiva no romance. Apesar de Rodrigo citar vários romancistas e filósofos em seus diálogos, a imagem transmitida ao leitor é de que o personagem não assimilou o que leu, ou, pior do que isso, não leu o que afirma ter lido. Ele nunca admite desconhecer determinado assunto quando questionado. Nestes casos, o narrador costuma desmascarar sua propaganda de erudição. Colocado numa posição de inferioridade, procurando enganar o interlocutor com a exposição de um conhecimento que não possui, Rodrigo representa os intelectuais que têm uma absorção fragmentada de teorias alheias, as quais têm origem em escolas literárias e filosóficas recém desembarcadas da Europa. O mais importante para este tipo de intelectual é citar o “filósofo da moda” do que interpretar suas teses.

Trocando em miúdos, o escritor procura questionar o verdadeiro aprendizado da *intelligenza* brasileira da *belle époque*, explorando as carências culturais de Rodrigo Cambará. O protagonista confirma ter lido a obra *Primeiros princípios*, de Spencer, mas não pode explicar o livro e muito menos aplicar as teorias na prática. De fato, Rodrigo considera-se progressista e liberal, nos moldes propostos por Spencer, mas no futuro vai trair seus princípios ao aceitar um cargo no governo de Getúlio Vargas e ao defender a ditadura do Estado Novo. Além disso, a ideia spenceriana de evolucionismo social, com reformas espontâneas e graduais, em que as sociedades evoluem de formas simples para formas mais complexas a partir de processos de diferenciação e integração, não condiz com o pensamento e o comportamento do personagem, que age na política de acordo com os preceitos exclusivos do positivismo. A família Cambará é seguidora dos líderes gaúchos positivistas – Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Pinheiro Machado – e sua postura de oposição, quando ocorre, não significa uma guinada de ordem ideológica ou filosófica, mas, sim, disputa de espaço e de poder.

De qualquer forma, o comentário de que “Alcides Maya, que pontificava no mundo das letras de Porto Alegre, lançara entre seus discípulos e admiradores o nome de Spencer” confere com os registros da época. Masina (2004, p. 2), quando trata da adesão de Alcides Maya ao projeto nacionalista da cultura brasileira, lembra que este “aprendera com Spencer que o escritor deveria ter uma função social”. O escritor gaúcho – autor de ensaios, contos e um romance – certamente havia sido influenciado pelos pensadores do centro do país (ele viveu um período no Rio de Janeiro), onde os preceitos evolucionistas eram defendidos com empolgação, e, sendo ele um assíduo

colaborador da imprensa, tratava de divulgar as ideias spencerianas no Sul através dos jornais e das revistas.

Voltando ao romance, o diálogo entre o médico e o militar prossegue e ganha contornos didáticos.

– Qual é a atitude do positivista diante do mundo? – perguntou o coronel. E ele mesmo deu a resposta, inclinando-se muito sobre a mesa, como se fosse revelar um grande segredo maçônico: – É estudar a sociedade humana dentro do terceiro estado, o positivo, sujeitá-la a uma observação científica, note bem, *científica*, colocando, digamos, os fatos sociais num microscópio, observando-lhes as leis, analisando-os como hoje se analisa um produto químico, um tecido orgânico ou um raio de luz... (VERISSIMO, 1956a, p. 244, grifos do autor)

Ele continua:

– Essa História que se ensina nas nossas escolas – prosseguiu Jairo, depois de tomar um gole de água mineral – não passa duma sucessão de nomes próprios e datas. É um romance tolo, cujo sentido fica obscuro para o pobre estudante. Mas veio Comte, espremeu todos esses fatos, tirou-lhes o sumo, estabeleceu as bases duma filosofia da História, cujas leis traçou. Ora, o positivismo está baseado na experimentação, na observação. Um fato histórico de hoje ficará claramente explicado se estudarmos a série, a cadeia de fatos que o precedeu. A História, meu caro doutor, explica a História. [...] Mas, voltando ao nosso assunto, só o método positivo é que nos permitirá analisar os fatos sociais em suas inter-relações. Foi o grande Augusto Comte quem criou essa maravilhosa ciência que é a sociologia. – Fez um gesto largo. – A ciência da sociedade. (VERISSIMO, 1956a, p. 244-5)

Importa menos, neste momento, analisar as origens das informações apropriadas pelo escritor na configuração ficcional do que o porquê deste diálogo filosófico em torno do positivismo – além de Bordini (1995), outros pesquisadores já se ocuparam das fontes primárias e secundárias usadas por Erico Verissimo para escrever a trilogia, a exemplo de Moro (2001) e Alves (2013).

Ao estabelecer como projeto de romance a representação da formação do povo gaúcho, o escritor não teria como fugir de questões relacionadas à recepção de teorias e a ideias estrangeiras. Por experiência própria, Erico Verissimo já havia presenciado a infiltração de inúmeras correntes filosóficas e ideológicas e, *a priori*, parece preservar certo ceticismo em relação a qualquer uma delas. Como muitas teses acabam sendo adotadas pelos partidos políticos e, como afirma Fresnot (1997, p. 32), a luta política consiste na “preocupação básica de Erico Verissimo”, nada mais natural o escritor “explicar” alguns dos principais fundamentos da filosofia positivista. Afinal, Augusto

Comte influencia diretamente a maneira de pensar e agir dos grupos que estão no poder, os quais mantêm o controle do executivo estadual por mais de 30 anos.

Quando escolhe um militar para representar a adesão do gaúcho letrado aos preceitos do positivismo, o escritor pode estar sinalizando a) a parceria entre o governo republicano e os militares, condição essencial para a manutenção do mesmo partido no comando, e/ou b) acentuando a falta de coerência e de capacidade de interpretação do momento histórico por parte dos líderes da oligarquia gaúcha. Esta hipótese, que parece ser a mais provável, mostra-se reveladora quando se analisa toda a trajetória política da família Cambará, desde a fundação do Partido Republicano em Santa Fé por Licurgo Cambará, passando pela Revolução Federalista, a eleição presidencial de 1910, a eleição para o Senado em 1915, a Revolução de 1923 e a Revolução de 1930. Na representação ficcional destes eventos históricos, o grupo que circula em torno do Sobrado troca constantemente de bandeira e Rodrigo Cambará, o caudilho letrado, pouco ou nada sabe sobre o positivismo. Seus interesses estão em outras esferas, qual seja, da ambição pelo poder e da vida prazerosa.

Outro detalhe interessante é que Erico Verissimo não parece rejeitar totalmente o pensamento positivista. Qualquer questionamento sugere mais relativização do que rejeição. Isso porque a fala do coronel Bittencourt, quando diz que “essa História que se ensina nas nossas escolas não passa duma sucessão de nomes próprios e datas”, coincide plenamente com a opinião de Erico Verissimo sobre o ensino da História nas escolas, como ele destaca em suas memórias para justificar a necessidade de reescrever a história do Rio Grande do Sul, despindo-a dos mitos criados durante o Romantismo e acentuados no período do Regionalismo gaúcho.

Nossos livros escolares – feios, mal impressos em papel amarelo e áspero – nunca nos fizeram amar ou admirar o Rio Grande e sua gente. Redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal, eles nos apresentavam a História do nosso Estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. [...] Concluí então que a verdade sobre o passado do Rio Grande devia ser mais viva e bela que a sua mitologia. E quanto mais examinava a nossa História, mais convencido ficava da necessidade de desmitificá-la. (VERISSIMO, 1995, p. 289).

Neste sentido, pode-se conjecturar se, na fala de Bittencourt, quando este afirma que o positivismo defende o estudo da sociedade humana de forma a “sujeitá-la a uma observação científica [...] colocando [...] os fatos sociais num microscópio, observando-

lhes as leis, analisando-os como hoje se analisa um produto químico, um tecido orgânico ou um raio de luz”, Erico Verissimo não teria em mente o seu próprio método de analisar a sociedade representada na trilogia *O tempo e o vento*. Afinal, o objetivo do escritor era justamente de trabalhar pressupostos históricos de forma a fugir dos modelos tradicionais, promovendo uma interação entre a história e as ciências sociais através de uma pesquisa interdisciplinar. Esse método, inspirado pelos ensinamentos da Escola dos *Annales*, procura observar a história social a partir de várias perspectivas da atividade humana, como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social e tantas outras (BURKE, 1997, p. 12). Em síntese, a análise que o escritor faz da sociedade, no plano ficcional, também está baseada “na experimentação, na observação” como quer o coronel Bittencourt. Também para Erico Verissimo o fato histórico de hoje pode ser explicado se “estudarmos a série, a cadeia de fatos que o precedeu”.

Quando a tensão em Santa Fé aumenta, incendiada pelos artigos publicados nos jornais, o militar tenta impedir com argumentos um confronto mais sério entre os grupos rivais. Ele procura convencer Rodrigo a encerrar os textos ofensivos nas páginas de *A Farpa*. Na opinião de Bittencourt, o médico tem o sentimento da justiça social, mas falta a ele uma “base ideológica sólida” (VERISSIMO, 1956a, p. 377). A solução para corrigir esse desvio estaria em Comte.

Fez um gesto largo de apóstolo jovial. Depois, ergueu-se e apanhou o pacote que deixara em cima do consolo, sob o grande espelho. Tirou o invólucro de papel pardo e aproximou-se de Rodrigo com um livro na mão.

– Vou lhe pedir um favor, um grande, imenso favor. – Bateu na capa do volume.

– Leia isto quando tiver tempo. *Système de politique positive*, de Augusto Comte. É um livro básico. Leia e medite. Não me conformo com a ideia de que um moço esclarecido e combativo como o senhor fique por mais tempo divorciado da causa.

– Mas coronel...

– Eu sei o que vai dizer. Mas não diga nada antes de ler a obra. Se depois de chegar à última página não estiver ainda convencido das verdades que o livro encerra... paciência. Mas leia *quand même*.

– Está bom – disse Rodrigo, folheando distraidamente o volume. E mentiu: – Vou começar hoje mesmo. (VERISSIMO, 1956a, p. 378).

A postura doutrinária do coronel Jairo Bittencourt não pode convencer Rodrigo Cambará sobre as vantagens do positivismo. O jovem médico age por impulso e paixão e suas convicções não estão relacionadas a ideais ideológicos ou conceitos filosóficos, mas, antes disso, a interesses pessoais e à “vontade de poder”. Prova disso é que mais tarde



Rodrigo vai eleger-se deputado pelo Partido Republicano, com a bênção de Pinheiro Machado. Isso não impede que ele volte a atacar a filosofia de Comte pouco antes da Revolução de 1923, quando decide renunciar ao mandato com um discurso na Assembleia. “Essa filosofia vive a proclamar seus fins humanitários mas o que tem feito entre nós é acobertar o banditismo, encorajar a arbitrariedade e premiar a fraude! No Rio Grande do Sul espanca-se, mata-se e degola-se em nome de Augusto Comte” (VERISSIMO, 1963, p. 103).

Outro filósofo em voga na época retratada e que recebe um tratamento cuidadoso em *O retrato* é Friedrich Nietzsche. A obra de Nietzsche começa a ser discutida no Brasil em princípios do século XX. Segundo Broca (2004, p. 165), o filósofo alemão já era citado por alguns intelectuais desde 1900, mas passa a constituir “moda literária” após a publicação de um pequeno estudo de José Veríssimo, publicado no jornal *Correio da Manhã* em 1902, e de um artigo mais completo que aparece dois anos mais tarde no *Almanaque Garnier*, assinado por João Ribeiro e Araripe Júnior. A empolgação com o super-homem de Nietzsche teria influenciado inclusive o cronista João do Rio, que a despeito de não possuir a visão de um “sociólogo” tenta aplicar as sugestões do alemão em um perfil de Pinheiro Machado, publicado no livro *No tempo de Venceslau*. Aliás, Broca (2004, p. 166) lembra que as ideias de Nietzsche, conhecidas basicamente a partir da obra *Assim falava Zaratustra*, em tradução francesa, eram confundidas com as doutrinas anarquistas e, por vezes, com as de Henrik Ibsen e do esoterismo posto em moda pelos simbolistas.

O entusiasta do ideal do super-homem na ficção é o tenente de artilharia Rubim Veloso, amigo do coronel e, como este, frequentador dos serões no Sobrado. Rubim expõe a filosofia nietzschiana nas mesmas oportunidades em que Bittencourt defende o positivismo e Don Pepe clama pelo anarquismo. Nestes diálogos, a técnica de multifocalização do fluxo narrativo garante a abordagem temática – neste caso, a filosófica – de diferentes perspectivas.

Durante um destes serões, sempre servidos de caviar e champanha, Rodrigo desenvolve uma tese que segundo ele poderia se chamar “O Brasil, país perdido”, e sugere que todo povo tem o governo que merece. Em seguida emenda: “Sejamos egoístas. Bebamos vinhos estrangeiros e comamos caviar. A vida é curta” (VERISSIMO, 1956a, p. 449). Para o coronel progressista, o Brasil “tinha um futuro fabuloso”. Essa é a

deixa para Rubim apresentar as teorias de Nietzsche.

O tenente afirma não acreditar que o progresso possa ser alcançado pelo esforço coletivo, mas, sim, pela obra de uma casta superior. Essa casta, segundo ele, somente pode existir à custa do trabalho escravo das massas, cuja missão é “mourejar” para que os super-homens possam se entregar ao cultivo do espírito, da ciência e das artes.

A discussão prossegue:

Mas que absurdo! – protestou Rodrigo, com sua voz de flauta. Tomou um gole de champanha. – Nietzsche preconiza, e nisso estou plenamente de acordo com o Mestre, a formação do Estado militar.

– Tenente! – repreendeu-o Jairo.

– Estamos entre amigos, coronel. Mas, como dizia, só esse Estado militar é que poderá consolidar o domínio da casta superior, usando da força para organizar disciplinadamente todos os recursos sociais...

– Mas será uma ditadura insuportável! – atalhou-o Rodrigo. [...]

– Isso mesmo. Uma ditadura. É insuportável, sim, para as classes inferiores. Porque será preciso esmagar sempre todas as tentativas de insurreição das massas. (VERISSIMO, 1956a, p. 450-1).

Mesmo em meio aos protestos de Don Pepe, que acredita que “no hay fuerza humana que pueda detener las massas”, e da indignação de Rodrigo, que não esconde a má vontade com os militares e fica horrorizado ante a ideia de um “estado militar”, Rubim continua.

– Essa casta superior – prosseguiu Rubim, cruzando as pernas – não deverá de maneira nenhuma preocupar-se com a educação das classes populares. O cultivo das massas pode prejudicar os objetivos mais altos do Estado, isto é, a formação da Aristocracia...

[...]

– E qual a finalidade dessa tua esplêndida, mirabolante aristocracia? – pergunto.

– Produzir a raça superior, o super-homem, que está para o homem atual assim como este para os animais.

[...]

Continuou:

– No mundo primitivo o bom era o audaz, o forte; o mau era o débil, o impotente. Depois veio o Cristianismo e subverteu tudo.

[...]

– Então não acreditas na concepção evolucionista da História? – perguntou Rodrigo, que se sentia como suspenso no ar.

Rubim sacudiu vigorosamente a cabeça.

– Acho a concepção erradíssima. É um otimismo tolo acreditar no progresso ininterrupto da humanidade. (VERISSIMO, 1956a, p. 451-2).

Embora simplificadas ao máximo, aparecem neste trecho algumas das teses nietzschianas centrais apreendidas pelos intelectuais brasileiros – e muitas vezes

distorcidas – e que servem de matéria para a ficção em *O tempo e o vento*. Na verdade, toda a discussão transcorre de uma maneira superficial, sem aprofundamento conceitual. A própria pergunta de Rodrigo, “então não acredita na concepção evolucionista da História?”, revela certa ironia, pois ele próprio não seria capaz de explicar tal teoria.

A partir desta “apresentação” inicial, o tenente passa a procurar sinais do super-homem em qualquer assunto que estiver posto em discussão. Também tenta explicar como as teorias nietzschianas poderiam ser úteis a um novo modelo de governo, particularmente o brasileiro. Para Rubim, a ditadura é a única forma de governo para o Brasil.

– Porque este é um país de mestiços e analfabetos. Os eleitores em sua maioria mal sabem *desenhar* o nome e não tem idoneidade intelectual para escolher seus administradores e legisladores. Cabe, portanto, às elites cultas dirigir o povo e organizar os governos. (VERISSIMO, 1956b, p. 153, grifo do autor).

Tampouco acredita na democracia:

– E depois – prosseguiu Rubim – se por um lado a democracia tem como objetivo o bem-estar do povo em geral, por outro a História tem provado sobejamente que essa felicidade só poderá ser atingida por meio dum governo aristocrático. Continuo a afirmar que não tem nenhum sentido lógico ou prático essa busca de *felicidade geral*. É uma absoluta perda de tempo que atrasa a produção de super-homens. Neste ponto Platão e Aristóteles estão de acordo com Nietzsche ou, melhor, Nietzsche está de acordo com esses dois filósofos clássicos. (VERISSIMO, 1956b, p. 153, grifo do autor).

Não é preciso destrinchar as teses de Nietzsche para concluir que Rubim tem uma leitura própria, reducionista, das ideias do filósofo alemão. O personagem sente prazer em chocar e impressionar os interlocutores com afirmações polêmicas, mas tropeça nas próprias conclusões. Sua fala soa como um blefe.

Outra oportunidade para Rubim tecer suas teorias ocorre quando ele localiza numa edição da revista francesa *L'illustration* uma reportagem sobre a construção do canal do Panamá, uma das maiores obras da engenharia do século passado. Ele comenta:

– Aqui está uma admirável ilustração para a minha tese sobre as relações entre as elites e as massas. Quem idealizou o canal do Panamá? Um super-homem: de Lesseps. Outros homens de prol compreenderam o alcance dessa gigantesca obra e a puseram em execução. Uma equipe de engenheiros e empreiteiros competentes, isto é, uma aristocracia da inteligência e da cultura, encarregou-se da direção dos trabalhos. E a massa, uma multidão de índios, mestiços e negros, trabalha como os escravos trabalharam para construir as pirâmides do Egito.

Muitos deles estão morrendo e hão de morrer como moscas. Mas que importa? Esse é o destino da ralé. (VERISSIMO, 1956b, p. 81).

Rodrigo não pode, naturalmente, concordar com as ideias do militar. E rebate:

– Mas sem essa ralé – replicou Rodrigo – sem essa escória que tanto desprezas, não será possível a construção do canal.  
 – Claro! Que seria dos teus gaúchos se não fossem os cavalos que montam e os bois que puxam as carretas? Não será isso que me levará a colocar o cavalo ou o boi no mesmo nível do cavaleiro e do carreteiro. (VERISSIMO, 1956b, p. 82).

Além de Rubim e Rodrigo, participam do encontro Neco e Chiru, dois parceiros de festa do protagonista. O abismo existente entre estes e os dois intelectuais revela-se na descrição sarcástica da cena pelo narrador: “Chiru escutava-o com ar inteligente. Não cansava de dizer que admirava o saber e que, apesar de ignorante, *sabia apreciar os homens preparados*” (VERISSIMO, 1956b, p. 82, grifo nosso). Neco, por sua vez, totalmente desinteressado pela conversa, “tirou um acorde do violão e começou a cantarolar a *Casinha Pequenina*” (VERISSIMO, 1956b, p. 82, grifo do autor).

Pelo exposto, fica evidente uma intenção de distinguir a cultura popular da cultura erudita, mas essa divisão não ocorre sem uma pitada de sarcasmo, uma maneira de relativizar a suposta sabedoria dos letrados e, por que não, ridicularizar as comparações feitas pelo militar metido a filósofo. Em seguida, Rubim traduz um trecho da mesma reportagem, que trata do desapontamento da França por não poder executar as obras de construção do canal.

– A França não poderia esquecer que foi ela a iniciadora dessa grande empresa, que foi ela que começou os trabalhos com mais sucesso do que se quer reconhecer. Não foi sem um profundo desapontamento que viu escapar-lhe a glória de levar a cabo uma tarefa tão memorável, e, desde então, sempre seguiu com uma atenção benevolente os esforços dos americanos aplicados na continuação dessa obra.

[...]

– Os franceses não podem esconder o seu despeito diante do fato de serem os americanos e não eles quem está construindo o canal do Panamá.

– E é pena – observou Rodrigo – porque tenho mais confiança na engenharia francesa do que na norte-americana.

Intimamente não ignorava que isso era um mero “palpite”, nascido de sua simpatia pela França, pois para falar a verdade não sabia quase nada da engenharia francesa e muito menos da norte-americana.

– Esse canal interessa principalmente a América do Norte – disse Rubim. É uma obra de alcance não só comercial como também estratégico. (VERISSIMO, 1956b, p. 82-3, grifos do autor)<sup>2</sup>

---

2 A fala de Rubim confere com a publicação da revista *L'Illustration*, cuja reportagem traz o título “Les américains et le canal de Panama”. A tradução inserida na ficção é fiel ao texto original em francês. Sobre as fontes de revistas e jornais consultadas por Erico Verissimo para escrever a trilogia, ver Alves (2013).

As obras do canal do Panamá, além de servirem a Rubim como motivo para reforçar a tese do super-homem, abrem caminho para uma discussão em torno da oposição entre França e Estados Unidos. Em um momento de forte influência francesa sobre a cultura brasileira e mundial, os norte-americanos começam a representar uma “ameaça” ao *status quo* com seu rápido crescimento nos campos econômico e cultural. Rodrigo não esconde a desconfiança em relação aos Estados Unidos, um país que, segundo ele, era “grosseiramente materialista, uma nação de novos ricos e comerciantes empedernidos” (VERISSIMO, 1956b, p. 83) e não havia revelado ao mundo nenhum grande romancista, filósofo, pintor ou compositor. O narrador, mais uma vez, trata de desmascarar o discurso do protagonista, ao anotar que este “não sabia quase nada da engenharia francesa e muito menos da norte-americana”.

Embalado pelo champanha, o médico não se intimida com a superficialidade de seu conhecimento e critica também a política de expansão territorial norte-americana, que resultara na conquista de Porto Rico, Texas e Califórnia.

- E como detesto Theodore Roosevelt – exclamou – esse sargento caçador de onças!
- Pois eu o admiro – retrucou Rubim. – Pode não ter a inteligência dum super-homem, mas tem os nervos, a vontade e a coragem dum líder.
- Dêem-me a França! *Toujours la France, l'esprit, la finesse, la juste mesure!* Não estava bem certo de amar a justa medida, mas – que diabo! – quando se está um pouco tonto, ama-se tudo, tudo menos Teddy Roosevelt!
- A França morreu em 70 – replicou o tenente de artilharia. – De lá para cá tem procurado no amor, na depravação, nos bizantinismos literários, no refinamento do gosto, uma compensação para seu fracasso como nação guerreira. Os descendentes de Napoleão Bonaparte hoje em dia bebem champanha nos sapatinhos das *vedettes*, dançam cançã nos cafés-concertos e lêem novelas pornográficas. Uma nação em pleno processo de decadência!
- [...]
- *Toujours la France!* – gritou Rodrigo. E em seguida, levando o indicador aos lábios, murmurou: – Silêncio, a Dinda está dormindo.
- Pois me dêem a Alemanha – retrucou Rubim – a terra dos grandes filósofos, dos grandes músicos, dos grandes poetas e dos grandes guerreiros.
- *Vive la France!*
- Viva o Brasil, bolas! – vociferou Chiru, vermelho de patriotismo. (1956b, p. 83-84)

Enquanto o simpatizante da França e o germanófilo lutam para fazer prevalecer a superioridade de uma cultura sobre a outra, seja pelo argumento do bom-gosto (*la finesse*) ou do conhecimento (dos grandes filósofos), uma voz que até então estava à parte da discussão deixa escapar o “Viva o Brasil, bolas!”, colocando fim ao bate-boca.

Apesar de ser um ignorante assumido, cabe a Chiru perceber a experiência do “arremedo” e da “macaqueação” cultural – nos termos de Schwarz (1987, p. 42) – protagonizada por Rodrigo Cambará e o tenente Rubim.

Outro tema recorrente na época representada, e que tinha espaço garantido na imprensa, era a aviação. O período é marcado por proezas importantes, como o primeiro voo realizado entre a França e a Inglaterra, cruzando o Canal da Mancha. Folheando um número da *L'illustration*, Jairo Bittencourt observa o retrato da aviadora Mme. Laroche, ferida em um acidente durante um encontro de aviadores em Champagne. Se até as mulheres já andam de aeroplano, a conclusão do progressista é de que “estamos sem dúvida no limiar duma nova era de prodígios” (VERISSIMO, 1956b, p. 158). Ele lê que no futuro o avião será usado como arma de guerra, tanto para voos de reconhecimento quanto para lançar bombas sobre os inimigos. Uma previsão que vai se confirmar na Primeira Guerra Mundial.

– Ah! – fez o coronel. – Aqui está um clichê interessante. Um automóvel equipado com uma metralhadora: *pour la poursuite des aéroplanes*. É fantástico! Rodrigo repoltreou-se na cadeira, com uma taça de champanha na mão.  
 – Estamos vivendo uma grande hora!  
 Jairo apanhou um outro exemplar de *L'illustration* e pôs-se a folheá-lo com grande interesse.  
 – Ouçam esta! – exclamou, ao cabo de alguns minutos. – O título é: *A mais gloriosa façanha da aviação em 1910*. (VERISSIMO, 1956b, p. 159)

Jairo traduz a notícia da primeira travessia dos Alpes por um aeroplano, realizada no dia 23 de setembro pelo piloto Jorge Chavez. No momento da aterrissagem, ao completar a façanha, o aviador não consegue controlar o avião e acaba caindo. O piloto quebra as pernas e morre mais tarde em decorrência dos múltiplos ferimentos. Rubim não perde tempo para concluir que se trata de uma “morte de herói” e que “a aviação é um esporte para super-homens” (VERISSIMO, 1956b, p. 159). Já Rodrigo, sem considerar que o piloto era peruano, encontra na proeza mais uma prova da superioridade francesa sobre as outras nacionalidades.

– É a França, meu caro tenente – exclamou Rodrigo – a eterna França, que está à frente de todas as nações do mundo como pioneira da aviação!  
 – Mas foi um brasileiro – interveio Jairo – quem inventou o aeroplano.  
 – Ponto a discutir – replicou o tenente. – Os americanos afirmam que foram os irmãos Wright.  
 – Absurdo! – protestou Rodrigo. – Está provado que Santos Dumont voou muito antes desses *yankees*... (VERISSIMO, 1956b, p. 160)

O debate sobre as proezas da aviação no limiar do século XX deixa claros os posicionamentos filosóficos de cada personagem ao longo do episódio. Mesmo numa revista estrangeira, cuja leitura torna-se um privilégio na vila de Santa Fé, pode haver oportunidade para expressar um sentimento ingênuo de filiação à cultura francesa, exemplos do super-homem nietzschiano e dos sinais do progresso científicista. A discussão, vale ressaltar, nunca parte da leitura de texto teórico, mas sempre de extratos tirados de revistas e jornais periódicos.

O mesmo ocorre quando Rodrigo Cambará tenta explicar a Rubim e Don Pepe a peça *Chantecler*, de Edmond Rostand, que estreara em Paris e aparecia na íntegra numa edição especial da *L'Illustration*. O título do drama inspira o título do episódio do romance e estabelece uma relação entre Rodrigo Cambará, um sujeito cheio de planos e que acredita ter o poder de transformar a vida ao seu redor, e o protagonista da peça de teatro, um galo que pensa ter o poder de fazer nascer o sol com o seu canto.

Na tentativa de convencer o tenente sobre a importância estética da obra francesa, Rodrigo procura aproximar Chantecler do ideal de super-homem, em que o galo é “o rei absoluto do terreiro!” e os mochos e os melros são “a massa que tanto detestas, a massa que conspira inutilmente” (VERISSIMO, 1956a, p. 457). Rubim, no entanto, não se deixa vencer.

– Meu caro Rodrigo, para o super-homem a felicidade não consiste na posse dum objeto determinado, mas sim numa continuada superação de si mesmo. O que importa para ele é a *vontade de poder*, que consiste em desejar e escolher o sofrimento e a dor, se tanto for necessário para essa separação. No exemplo de Chantecler vimos como a mulher pode desviar o super-homem de seus objetivos mais altos. E não esqueças que no meu mundo ideal, se queres usar os símbolos desse teu Rostand, o sol de fato não se erguerá sem que Chantecler, o super-homem, cante!

– Isso sim é um conto de fadas!

– E o meu Chantecler não admitirá no seu terreiro leis que glorifiquem a franqueza como acontece nesta nossa sociedade regida pela moral cristã, que é uma moral de escravos. Para principiar, o super-homem terá de ser duro e cruel consigo mesmo e viverá numa constante busca de novas aventuras. Ele sofrerá e fará os outros sofrerem. (VERISSIMO, 1956a, p. 458, grifos do autor)

As palavras de Rubim, sem que ele tenha intenção, são direcionadas ao próprio Rodrigo Cambará. O protagonista de *O retrato* tem nessa fase do romance o papel do galo que quer transformar o seu entorno com programas políticos e sociais, mas não consegue realizar seus objetivos justamente porque não escolhe o sofrimento e a dor, deixa-se desviar pelas mulheres, não é duro e cruel consigo mesmo e tampouco vive

uma constante busca de novas aventuras – como seu avô, o Capitão Rodrigo. A “vontade de poder” de Rodrigo Cambará não vale todos esses sacrifícios e ele contenta-se com um cargo de confiança no governo de Getúlio Vargas por um longo período de 15 anos. De fato, as transformações ocorrerão com ou sem a interferência do galo de Santa Fé.

Os diálogos filosóficos em *O tempo e o vento* tem, neste sentido, uma função que transborda a simples apresentação de teorias e “modas” da época representada. Esses debates cruzados revelam diferentes perspectivas de recepção do pensamento filosófico de forma a revelar também o caráter e a ética de cada personagem. A partir das escolhas destes personagens dentro de uma variedade cada vez maior de correntes ideológicas e filosóficas, Erico Verissimo preenche o quadro da ficção de maneira que todas – se não todas, ao menos as principais – as manifestações sejam contempladas.

Se não existe na narrativa uma discussão mais aprofundada sobre as teses evolucionistas, positivistas ou super-humanas é porque a representação de uma sociedade a partir do micro-cosmo de Santa Fé não cobra tal cuidado. Afinal, na realidade do Brasil do princípio do século XX o campo de discussão era restrito aos poucos letrados que tinham acesso aos jornais e ao incipiente mercado editorial, geralmente concentrados em poucas cidades. Rodrigo Cambará, Jairo Bittencourt e Rubim estão, cada um a seu modo, integrados neste momento particular da história brasileira, em que mais do que nunca procura-se interpretar os problemas do País à luz das ideias importadas da Europa.

## Referências

ALVES, Márcio Miranda. *A imprensa como fonte de pesquisa e representação em O tempo e o vento, de Erico Verissimo: técnica de narrativa e implicações estéticas*. 2013. 428 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: Dacanal, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 34-59.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM; EDIPUCRS, 1995.

BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. In: \_\_\_\_\_. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 194-245.



BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2004.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MASINI, Léa. O pampa revisitado: em dia com Alcides Maya, *Revista Organon*, v. 18, n. 37, p. 1-6, 2004.

MORO, Eoná. *História e literatura em O continente de Erico Verissimo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento II. O retrato*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956a. v. 1.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento II. O retrato*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956b. v. 2.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento III. O arquipélago*. Porto Alegre: Editora Globo, 1963. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Editora Globo, 1995. v. 1.

Recebido em setembro de 2013.

Aceito em dezembro de 2013.